

THE FALL OF FRANCES STARK

Esta exposição desvenda a obra de Frances Stark (Newport Beach, California, 1967) como artista visual desde o início da década de 1990. Inseparável da sua existência como artista, e não menos importante do que esta, é a actividade que tem vindo a desenvolver como escritora. São de mencionar, a este respeito, a publicação em 1999 de um livro muito influente, *The Architect & The Housewife*, uma reflexão incisiva e plena de humor sobre o modo como a pertença de género se repercute na produção artística, em particular na sua, assim como, alguns anos mais tarde, de *Collected Writing: 1993-2003*, colectânea de vários dos seus textos anteriormente publicados, muitos dos quais incidem sobre a obra de outros artistas a partir da sua experiência própria de recepção.

Uma vez entrados na exposição, não tardamos a aperceber-nos do papel decisivo que o texto desempenha na obra de Frances Stark. Como ela afirma no livro que acompanha esta exposição, as suas obras “tomam a escrita, o acto de ler e a voz como o seu principal ponto de partida”. Com efeito, muitas das suas obras apropriam fragmentos de texto de proveniência diversa, nomeadamente textos literários e filosóficos. A artista explora constantemente as relações e as diferenças entre imagem e texto, entre o acto de ver e o acto de ler, entre os diferentes tempos e ritmos de percepção da obra, desde a nossa apreensão imediata da composição visual até à decifração lenta dos seus elementos constituintes (letras, palavras, frases, mas também, em certas obras, outros elementos visuais com um grau elevado de pormenorização que são orquestrados através da técnica de colagem).

A obra de Frances Stark encontra a sua razão de ser na necessidade de traduzir, isto é, captar e comunicar a experiência da vida quotidiana. Incorporando uma acentuada consciência reflexiva e um sentido de humor desconcertante, a sua obra devolve-nos um olhar iluminante (não raramente sob forma de aforismo) sobre o processo criativo e o turbilhão da vida que sempre nos escapa. Talvez a canção seja o meio de expressão e de comunicação directa que a artista tem em mente ao realizar o seu trabalho. Dois versos de um poema seu parecem ser a síntese perfeita dessa aspiração: “Oh ser tão sólida como uma canção, não simplesmente superficial nem tão longa”.

Curadoria: Phillip Van den Bossche

This exhibition unfolds the work of Frances Stark (Newport Beach, California, 1967), who has been active as a visual artist since the early 1990s. Inextricably linked to her existence as an artist, and no less important than this, is her activity as a writer. Particularly noteworthy in this respect was the publication in 1999 of the influential *The Architect & The Housewife*. It is an incisive and witty reflection on the way in which gender and art production interweave, namely in her own work. Equally relevant was the publication, some years later, of her *Collected Writing: 1993-2003*, that brought together several of her previously published texts, most of them focusing on the work of other artists from a very personal point of view that is rooted in her own experience of reception.

As soon as we enter the exhibition, we immediately become aware of the prominent role that text plays in Frances Stark’s work. As she herself states in the book that accompanies this exhibition, her works “take writing, reading and voice as their primary point of departure”. In fact, many of her works appropriate fragments of text from many different sources, in particular literary and philosophical ones. The artist constantly explores the relationship and the differences between image and text, between seeing and reading, between the different tempos and rhythms in the perception of the work, from our immediate apprehension of the visual composition to the slow and gradual deciphering of the different elements that constitute the works (letters, words, phrases, but also, in many works, other highly detailed visual elements that are orchestrated through the technique of collage).

Frances Stark’s work finds its *raison d’être* in the need to translate – to capture and communicate – the experience of everyday life. Incorporating an acute reflective awareness and a disconcerting sense of humour, her work illuminates (frequently taking the form of aphorisms) the creative process and the maelstrom of life that constantly escapes us. Perhaps song is the medium of direct communication that the artist has in mind whenever making her work. Two lines from one of her poems seem to provide a perfect synthesis of this aspiration: “Oh to be as sound as a song, not simply flat and half as long.”

Curator: Phillip Van den Bossche